



# Sexualidade e pós-modernidade\*

Julio Moreno\*\*, Buenos Aires

*A sexualidade emerge da interação do corpo com a regulamentação: as apresentações do sexual dependem das estruturas de poder. A partir do século XVIII surge no seio da família moderna, centrada na criação dos filhos, a reciprocidade de sentimentos e desejos. Cruzam-se as regulamentações do parentesco e os prazeres, gerando-se formas mistas de aliança extraviada e sexualidade anormal. A família moderna promove os sentimentos que deve proibir. A família pós-moderna baseia-se em um contrato entre cônjuges que tem sua base no transitório. Aumentam os divórcios, as separações e a recomposição conjugal. As crianças cada vez são menos controladas pela moldura familiar e a mídia apossa-se da vaga. Desfazem-se assim os dispositivos de aliança e totalidade cuja mescla fora a característica central da modernidade. Não há uma totalidade a buscar que sustente o ideal de casal e de gênero. Ademais, em lugar de sociedade, há indivíduos encarregados e responsáveis de serem o que são. O sexo, homem ou mulher, como o já dado, não abarca o que a rigor alguém poderia ser. Com relação ao normal e anormal, não se aboliu a norma, só que há numerosas formas normais. Isso deixa o dispositivo da sexualidade sem controle, o que leva a que se confunda a sexualidade com o puro prazer.*

*Descritores: sexualidade; modernidade; pós-modernidade.*

\* Trabalho apresentado no Simpósio de abertura das Atividades Científicas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em 26 de março de 2004.

\*\* Membro Titular da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.





1. O título desta mesa parece-me altamente estimulante. Sugere, de saída, que a assim chamada pós-modernidade tem efeitos sobre a sexualidade. Ou seja, que as formas da sexualidade hoje são outras que não as da *modernidade* dominante em princípios do século XX, quando nasceu a psicanálise.

Por outro lado, talvez a afirmação mais forte e controvertida da psicanálise seja que as engrenagens íntimas, as causas últimas da subjetividade e mesmo da identidade (e não só da identidade de gênero) devem ser buscadas na sexualidade. Portanto, o título desta mesa afirma de uma forma elíptica que as mudanças ligadas à pós-modernidade necessariamente devem afetar a teoria do sujeito e toda a psicanálise.

Nesta exposição sustento que a trama social, as relações intersubjetivas, a estrutura de poder, as práticas de educação, a família – isto é, todas as instituições – variaram e o fazem em um ritmo cada vez mais acelerado, desde a modernidade em que nasceu a psicanálise até esta pós-modernidade em que agora vivemos. Por isso deveriam reformular-se as teorias e práticas que, como a psicanálise, afetam o humano.

Com respeito às mudanças que atingem a prática analítica, afirmarei somente que me parece um erro reduzi-las a simples alterações no que se denominaram *standards*. Se cremos, como eu creio, que a psicanálise é a teoria que com maior profundidade aborda a problemática do humano enquanto tal, é nossa obrigação preservá-la. Mas devemos estar conscientes de que aquele que permanece em silêncio frente a panoramas cambiantes na verdade retrocede. Para avançar nos tempos atuais, deve-se revisar os próprios fundamentos e, se necessário, mudá-los. Porque muitas vezes – como ocorreu a Esparta frente à decadência de seu poder militar, ou a Bush frente à queda do que para ele são as forças do bem – quando o meio se torna adverso, as instituições endurecem suas regras e práticas e anquilosam seus fundamentos, como que cerrando fileiras frente à referida adversidade. Quando assim ocorre, e não se trata de uma seita ou grupo étnico que quer preservar seu *sangue*, a extinção encontra-se praticamente confirmada. Se somos fiéis à gesta freudiana e nos consideramos herdeiros e guardiões dessa estranha e grandiosa teoria, devemos ser capazes de mudar. Como? Essa é outra questão.

Primeiro, vou tentar expor com o que Freud se deparou na modernidade; depois darei algumas pinceladas acerca da pós-modernidade da sexualidade. Sigo essa linha porque entendo que a característica mais notória da pós-modernidade é que suas instituições – aferradas ao estilo moderno – se mostram insuficientes para sustentar, dar conta de acontecimentos que se precipitam.





2. Segundo Foucault (1976), convém descrever a sexualidade como um ponto de passagem para as relações de poder. É o elemento de maior instrumentalidade nessas relações, capaz de servir de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

Ou seja, não convém entender a sexualidade – e com isso nomeamos o desejo que, como motivação inconsciente, está por trás de todo ato – como algo *natural*, uma espécie de emanção essencial, pura e imutável da carne, à qual simplesmente se opõe o simbólico ou cultural por via da repressão. A sexualidade emerge da interação do corpo com a regulamentação social vigente. Isto é, não é o desejo seguido da lei, mas a lei e o desejo que se entrelaçam inseparavelmente.

Por isso as representações do sexual dependem das estruturas de poder em cada época e cultura. E isso é algo que se pode constatar. Revisemos a seguir a peculiar configuração da família moderna com que Freud se deparou.

Na época pré-moderna, como na medieval, a família serviu para regulamentar a aliança e não tanto a sexualidade. Os casamentos arranjavam-se entre os pais, sem tomar em conta a vida sexual e afetiva dos futuros esposos. Os códigos do grosseiro, do obsceno, do indecente eram, se os comparamos com os do século XIX e princípios do século XX, muito soltos. Pode-se observar nos quadros de Brueghel gestos diretos, transgressões visíveis, crianças desavergonhadas vagabundeando sem incômodo nem escândalo entre os risos dos adultos. Os corpos pavoneavam-se; a sexualidade circulava fora da família tradicional, que, por sua vez, não estava centrada na criação dos filhos.

É a partir do século XVII que a sexualidade se fecha na família conjugal, que a confisca e absorve. Para entender as conseqüências dessa questão convém, seguindo Foucault (1976), distinguir duas prescrições em relação ao sexo. Uma delas é a que regulamenta a aliança, o sistema de matrimônio e parentesco, de transmissão de nomes e bens. A outra é a que regulamenta a sexualidade em si, a qualidade dos prazeres e as sensações do corpo. Na época pré-moderna a família tinha a ver somente com a aliança, a regulamentação do dispositivo da sexualidade era exercida pelo Estado e a Igreja.

A partir do século XVIII surge a família moderna – que se impõe até meados do século XX – berço do amor romântico e da reciprocidade de sentimentos e desejos, que se centrou na criação dos filhos e na sua educação, tarefa na qual os progenitores são eixos cruciais. Desse modo favoreceu definitivamente a aproximação de pais e filhos amorosos. A célula familiar moderna passou assim a ser um lugar onde se cruzavam as normas de aliança e sexualidade, as regulações do parentesco e dos prazeres. O dispositivo da sexualidade, os prazeres do corpo e a vida romântica, antes confiscados nas margens das instituições familiares, irrom-





Julio Moreno

pem dentro da família, gerando formas mistas da aliança desgarrada e da sexualidade anormal a que nós chamamos *sintomas*. Não é senão isso o que podemos ler no caso Dora (Freud, 1905), no de Katharina (Freud, 1895), em A Jovem Homossexual (Freud, 1920), em Elisabeth von R. (Freud, 1895), ou em O Pequeno Hans (Freud, 1909): o sexual introduziu-se no vínculo parentofilial. Os sintomas não cessam de falar a respeito.

Ou seja, o que constituiu a fortaleza da família moderna – ocupar-se amorosa e cuidadosamente da criação e educação dos filhos e ser o cenário principal da vida romântica – gerou severos problemas. Porque a regulamentação da aliança requer a proibição mais estrita do incesto, mas, ao mesmo tempo, ao ser a família centro da sensualidade, promove os sentimentos incestuosos que deve, por sua vez, proibir<sup>1</sup>.

Se quisermos um registro vívido dessa mudança que implicou no ingresso do dispositivo da sexualidade na família, podemos obtê-lo comparando os ícones que representam a mãe Maria e o menino Jesus na época medieval – quando o dispositivo sexual não havia invadido a família – com os quadros que, a partir do Renascimento, representam o menino Deus com sua mãe. As representações medievais são absolutamente desprovidas de sexualidade: mãe e filho (esse último figurado como um pequeno Deus adulto) não se olham nem se tocam. As representações posteriores ao Renascimento, ao contrário, mostram um quadro no qual a sensualidade, a ternura e o amor costumam dominar o panorama que se torna claramente, se não erótico, pelo menos romântico.

Ou seja, a partir do século XVII, a família promove a sexualidade que por sua vez deve proibir. Os sintomas com que Freud se deparou emergem principalmente como consequência dessa contradição, pela presença simultânea da regulamentação da sexualidade e da aliança dentro da família. Freud, como bom e genial pensador moderno, pretendeu delimitá-los em uma ordem racional: se o vínculo familiar é o que delimita e sustenta o dispositivo da sexualidade e se é graças a ele que o desejo incestuoso é a mãe de todos os desejos, ao mesmo tempo sua oportuna proibição é condição *sine qua non* da normalidade. O sepultamento desse complexo de Édipo não é o término de sua função de causa. Antes, passa a ser o centro produtor de uma certa sexualidade que eventualmente a futura mulher ou o futuro homem poderão desenvolver em uma família própria. A neurose tal como a des-

1. Isso fez com que médicos, padres, psiquiatras e pedagogos fossem convocados para ajudar frente às consequências dessa intromissão da sexualidade no regime de alianças. Intromissão cujas consequências foram habilmente interpretadas – ainda que não cabalmente compreendidas – por Charcot, que, face ao quadro de patologia histérica do filho, filha, de uma mãe ou pai, impunha como primeira condição separar o *enfermo* da família.





creveu Freud tem, pois, muita relação com a época que lhe tocou viver e a seus pacientes<sup>2</sup>.

3. A família pós-moderna surge a partir da década de sessenta, com um contrato entre cônjuges que não tem sua base numa união permanente. Além disso, a atribuição da autoridade na família começa a ser cada vez mais problemática, e a *divisão de tarefas* (mãe que cria, pai que trabalha) desvanece-se. Aumentam os divórcios, as separações e a recomposição conjugal. As crianças passam cada vez mais a estar cada vez menos protegidas – ou encerradas – em sua criação dentro do marco familiar. Os meios de comunicação apoderam-se da vaga. O dispositivo da aliança vem sendo reformulado e o da sexualidade vem se distanciando do âmbito familiar. Assistimos então a um acontecimento novo: desvinculam-se as regulamentações de aliança e de sexualidade cuja intromissão na família fora característica central da modernidade. A conflitiva ligada à sexualidade, no sentido amplo que tem este termo para a psicanálise, não pode senão mudar dramaticamente.

Em primeiro lugar, o dispositivo da aliança está sendo questionado: a família deixou de ser um laço de união duradouro: *o unidos até a morte* deixou de ser uma consigna digna de crédito, os pares selam contratos em princípio transitórios, *menus à la carte* e não fixos.

Em segundo lugar, as crianças e seu progenitores, mas fundamentalmente as primeiras, encontram-se em contato desde a mais tenra idade com outras fontes de prazer que não brotam exclusivamente do âmbito familiar. Cedo, cada vez mais cedo, os filhos passam a ter contato direto com um meio social que não é o da família e mais sinais de sua subjetividade e erogeneidade lhes vêm de *fora*. Nesses se colocam os meios de comunicação que atravessam toda a cobertura familiar, estatal ou religiosa, que outrora *protegia* ou cercava a formação dos inocentes. Não há *proteção ao menor* capaz, hoje, de isolar as crianças da mídia.

4. O fato de que não tenham nem tempo nem perspectiva adequada, de que as mudanças sejam tão aceleradas que não parecem chegar a estabilizar-se, me serve de desculpa para apresentar muito brevemente e por último algumas pinceladas relativas à época atual.

---

2. Ou seja, é certo que, ao menos no princípio, muitos psicanalistas acreditaram que o problema ligado à neurose era simplesmente o gerado pela repressão do desejo incestuoso e não pelo fato de que a família moderna tinha razões estruturais que lhe dificultavam a articulação no discurso desse desejo incestuoso que propiciava. Por isso houve os que fizeram uma certa alegação à *liberdade sexual*, sem entender que o que *estava mal* era que o dispositivo simbólico que articulava a proibição e a promoção do incesto se encontrava dentro da mesma família e que sua articulação não podia senão gerar sintomas. A família moderna tem este enorme problema: estimula o incesto que também deve proibir. Daí resultou muito difícil responder – sem cair em banalidades – a esta pergunta: o que é a sexualidade normal?





Há autores como Bauman (2000) que preferem chamá-la *modernidade líquida*. Esse termo parece-me particularmente feliz porque compara dois tipos de modernidade com as diferenças entre os estados líquido e sólido. Na descrição dos sólidos podemos ignorar totalmente o tempo: o sólido puro não varia, e tempo e espaço são nele consubstanciais. Diversamente, os fluidos não se fixam no espaço, nem se amarram ao tempo. Nos estados fluidos, à semelhança dos tempos presentes, os eventos são como instantâneos e necessitam ser datados de imediato. A contingência impõe-se à determinação.

Ora, a psicanálise criou-se e deu seus primeiros passos nos tempos do apogeu da modernidade sólida, grávida de uma tendência à compreensão totalitária e determinista, à variabilidade e ao aleatório, à visão de uma homogeneidade abarcadora e inimiga da contingência. No ideal do pensamento moderno tudo tinha um sentido e o acaso era tão somente o produto da ignorância das causas. Pretendia-se dar forma à realidade como a um desenho para que se ajustasse aos ditames da razão, o que, a rigor, Freud (1900) pretendeu fazer com a sexualidade, ainda que a sexualidade feminina resistisse – como a Irma do sonho da injeção – a receber essa *solução*.

O temor ligado ao que poderia ser um futuro sinistro, descrito no *1984* de Orwell (1948), em *O Mundo Feliz* de Huxley (1939), ou em *O Panóptico* estudado por Foucault (1989), supunha um mundo controlado, sem liberdade individual, dividido em manipuladores e manipulados, onde o público colonizaria e exterminaria o privado. Numa visão atual, dir-se-ia que o erro dessas predições modernas foi total: nos tempos que vivemos há de tudo menos previsibilidade, e não se trata de que o capitão do barco se enganou de rota, trata-se de que não há capitão e, caso haja, não há rumo. Tampouco é certo que o público colonizou o privado como anunciavam aquelas antecipações: hoje claramente o privado coloniza o espaço público (a rigor o substitui); são os temas íntimos os que se levam à esfera pública e daí se disseminam, influenciando, através da mídia, não a um setor, mas a toda a população (pode-se constatá-lo nos *reality shows* e no fato de que cada vez mais o que importa das vidas públicas é sua vida privada.) Outro dado notável é que neste momento não há predições como há cinquenta anos, nem sequer predições erradas. É que no nosso mundo nada parece predeterminado, nem muito menos irrevogável, poucas derrotas são definitivas, poucos contratempos irreversíveis e poucas vitórias essenciais.

A assim chamada pré-modernidade considerava que o mundo dado já tinha tudo o que deveria ter, portanto nada devia mudar. Diversamente daquele, o traço característico e permanente da modernidade foi a dissolução do estabelecido. Ser moderno é não poder deter-se, ter uma identidade que só existe como projeto





inacabado e buscar sempre um desenho novo, busca que se baseia na crítica do existente. Nesse sentido poder-se-ia dizer que nós, ocidentais, estamos sendo modernos há quatro séculos. Mas nos últimos tempos, digamos que dramaticamente desde uns quarenta anos, as coisas mudaram e tanto a aceleração como as conseqüências das mudanças parecem incrementar-se. Quais são os eixos dessa diferença?

Em primeiro lugar, a presumida existência da perfeição – concebida como uma totalidade a encontrar – é um ideal que falha em nossos tempos em todos os campos. Isso, sem dúvida, tem seu efeito no que acarreta a ideais que podem sustentar um par sexual e determinar na hora da *eleição* do gênero.

Em segundo lugar, conforme Peter Drucker (1989), [...] *a sociedade – como ideal de uma sociedade justa, com direitos a alcançar – deixou de existir*. Agora não existe senão o indivíduo. E mais, nestes tempos, o indivíduo é o encarregado e o responsável de ser o que é, não há *fichários* definidos que alguém ocupa simplesmente. Seria, portanto, tarefa de cada um *ser* o que é. Antes as classes, as divisões, os gêneros eram dados pela natureza ou pela sociedade, havia uma *divina cadeia do ser* com nichos preexistentes que o sujeito habitava, impondo-lhe talvez uma pequena modificação. Havia protestos, mas cada um partia de um lugar já adjudicado. Hoje há um jogo de cadeiras que obriga homens e mulheres a estarem em permanente movimento e sem a promessa de nenhuma totalidade final. Por isso – ao contrário do passado – em nossos dias é muito diferente falar de gênero e de sexo. O sexo, homem ou mulher, como o já dado, não abarca o que a rigor alguém poderia ser.

Isso dito, sobre o normal e o anormal, que antes envolveu toda a questão da sexualidade, também há novidades. O que ocorreu não foi que se aboliu a norma, nem que essa se fez desnecessária; os heterossexuais – outrora *normais* – podem seguir sendo-o e considerar-se normais se assim o desejarem. Simplesmente criaram-se outros lugares, outros *fichários*, de modo que há numerosas normas, numerosas formas *normais*. Pode-se ser um normal heterossexual, ou um normal *gay*, homossexual, travesti, *cross-over*, bissexual, *drag queen*, *metrossexual*, etc. O notório é que cada novo lugar tem uma norma que coexiste com as demais. Mas a própria frase *numerosas normas* encerra uma contradição que pode resultar confusa. De fato, amplia o conjunto de possibilidades e faz com que se tenha a sensação – e a obrigação e a responsabilidade – de *escolher* o que se é. Essa diversificação de possíveis *fichários* de certo modo anula a efetividade da norma e gera confusão entre o ser e o aparentar ser.

Vejo em meu consultório que, no presente, o que com frequência está em jogo, – principalmente entre adolescentes –, atrás do encontro com uma identida-





Julio Moreno

de sexual, é a busca de uma identidade, de uma identificação com algo, *ser* algo. Essa é não poucas vezes a única forma de solidificar o fluido e amenizar a angústia do contingente e imprevisível. O encontro com um *eu sou x* impõe uma pausa, um descanso ao enlouquecedor *jogo de cadeiras*. Mas a busca dessa pausa vê-se agredida porque freqüentemente não há um ponto de origem claro que assinalo o caminho, ou nem sequer há caminho. É notável nesse sentido uma certa inversão dos termos desse quadro naquilo que Freud destacou em suas histórias. Ele encontrava quase como regra que o que aparecia como confusão ou alegação de identidade escondia, na realidade, uma problemática claramente sexual (pensemos em Dora [Freud, 1905], Elisabeth [Freud, 1895], ou A Jovem Homossexual [Freud, 1920]); nos tempos de hoje não poucas vezes nos deparamos com o oposto.

Por outra parte esse império da contingência, esse afrouxamento das regulamentações, deixa o dispositivo da sexualidade sem controle demasiado. Isso faz com que se confunda a sexualidade – que nasce, segundo já o disse, da interação do corpo e da lei da trama social – com o puro prazer, isto é, um gozo ou prazer puro desvinculado da sexualidade ao qual se pode aceder através de substâncias químicas ou de muitas outras maneiras sem nenhuma intervenção simbólica. Os proclamas típicos do neurótico, que outrora se apregoavam através de sintomas, hoje, ao não encontrarem a armadura simbólica para fazê-lo e, à semelhança de uma linguagem primitiva, costumam *expressar-se* (se cabe o termo) por meio de sensações orgânicas ou de martirização do corpo, um corpo sem escritura que se oferece ao imediatismo narcisista<sup>3</sup>. □

## Abstract

### Sexuality and post-modernity

Sexuality emerges from the interaction between the body and regulation: presentations of what is sexual depend on the structures of power. The reciprocity of feelings and desires arose in the 18<sup>th</sup> century, in the modern family centered on bringing up their children. The regulations of family relationships and pleasures

3. Da mesma forma a postergação da gratificação – a *procastinação* – perdeu seu encanto. Nesta cultura do descartável, estamos treinados não para consertar objetos, mas para jogá-los fora e substituí-los por outros pré-fabricados e selados. E mais, deve-se fazê-lo agora mesmo (*Just do it* como na propaganda do Nike). Ora, os vínculos humanos não são como as partes de um motor, desintegram-se se não são cuidados e não são substituíveis quando não servem mais. Tampouco cabe neles o *período de prova* comum em certos produtos, pois nos vínculos corre a profecia autocumprida.







were intercrossed, and mixed forms of misplaced alliance and abnormal sexuality were generated. The modern family promotes the feelings that it should forbid. The post-modern family is based on a contract between spouses that is based on transitoriness. There are more divorces, separations and marital recomposition. Children are less and less controlled by the family framework, and the media takes over the space that is left unoccupied. Thus the dispositions of alliance and totality are undone, a mix that had been the central characteristic of modernity. There is no totality to be sought that will sustain the ideal of couple and gender. Furthermore, instead of *society* there are *individuals* controlling and responsible for being what they are. Sex, male or female, as already given, does not cover what a person *could be*, strictly speaking. As to what is normal and abnormal, the norm has not been abolished, but there are numerous *normal* forms. This brings the disposition of sexuality out of control, and leads to sexuality being confused with pure pleasure.

Key words: sexuality; modernity; post-modernity.

## Resumen

### Sexualidad y posmodernidad

La sexualidad emerge de la interacción del cuerpo con la reglamentación: las presentaciones de lo sexual dependen de las estructuras de poder. A partir del siglo XVIII surge en el seno de la familia moderna, centrada en la crianza de los hijos, la reciprocidad de sentimientos y deseos. Se cruzaron las reglamentaciones del parentesco y los placeres generando formas mixtas de alianza descarriada y sexualidad anormal. La familia moderna promueve los sentimientos incestuosos que debe prohibir. La familia *posmoderna* se basa en un contrato entre conyuges que tiene su base en una transitoria. Aumentan los divorcios, las separaciones y la recomposición conyugal. Los niños pasan a estar cada vez menos controlados por el marco familiar. Los *mass-midia* toman la vacante. Se desentraman así los dispositivos de alianza y sexualidad cuya mezcla fuera característica central de la modernidad. No hay una totalidad a encontrar que sostenga el ideal de pareja y de género. Además en lugar de *sociedad* existen *individuos* encargados y responsables de ser lo que son. El sexo, varón o mujer, como lo ya dado, no abarca lo que en rigor uno *podría ser*. Com respecto a lo normal y anormal, no se abolió la norma, sino que existen numerosas formas *normales*. Esto deja al dispositivo de la sexualidad sin control, lo cual hace confundir la sexualidad con el puro placer.





Julio Moreno

Palabras llave: sexualidad; modernidad; posmodernidad.

## Referências

- BAUMAN, Z. (2000). *Liquid modernity*. Cambridge: Polity Press.
- DRUCKER, P.(1989). *The new realities*. New York: Heinman
- FOUCAULT, M. (1976). *Historia de la sexualidad*. México: Siglo XXI, 1977
- . (1989). *Vigilar y castigar*. México: Siglo XXI.
- FREUD, S. (1895). Estudios sobre la histería. In: *Obras completas*. v. 2. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, 1-309.
- . (1900). Sobre los sueños, análisis de un sueño modelo. In: *Obras completas*. v.5. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, 613-668.
- . (1905). Fragmento del análisis de un caso de histería. In: *Obras completas*. v.7. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, 1-107.
- . (1909). Análisis de la fobia de un niño de cinco años. In: *Obras completas*. v.10. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, 1-118.
- . (1917). Doctrina general de las neurosis. In: *Obras completas*. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, 221-421.
- . (1920). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad en una mujer. In: *Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1990, 137-164.
- HUXLEY, A. (1939). *Brave new world*. London: Harper.
- ORWELL, G. (1949). “1984”. New York: New American Library.

Recebido em 26/03/2004

Aceito em 07/04/2004

Tradução de **Clotilde Pereira de Souza Favalli**

Revisão técnica de **Edgar Chagas Diefenthaler** e **Clarice Kowacs**

### **Julio Moreno**

Las heras 2925, PB4,

1425 – Buenos Aires – Argentina

E-mail: julmoreno@fibertel.com.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA

